

VOZES POÉTICAS DA IDENTIDADE NEGRA NO LIMIAR DA MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA

Rosidema Pereira Fraga (UFG/UFRJ/UERR)

rosidelmapoeta@yahoo.com.br

Jayane Gomes de Oliveira (UERR)

shayoliveira17@gmail.com

RESUMO

Oriundo de reflexões da disciplina "análise da poesia afro-brasileira e do conto africano", no curso de pós-graduação *lato sensu*, este artigo tem como objetivo fulcral examinar o contexto da identidade negra na perspectiva da memória lírica individual e coletiva, bem como estabelece como fio condutor a reflexão da representação da mulher sob o olhar do Eu-enunciador instaurado pelas vozes femininas e masculinas. Para esta celebração e análise, delimita-se o foco a partir das vozes poéticas de Ana Cruz (2008) da obra *Guardados da Memória*, Esmeralda Ribeiro publicadas em *Cadernos Negros 5*, e Jussara Santos (2005) com a obra *Minas de Mim*, Oliveira Silveira de *Cadernos Negros* (1998), *Poemas da Carapinha*, de Ironides Rodrigues Cuti (1978), bem como poemas da *Antologia de Poesia Afro-Brasileira*, organizada por Zilá Bernd (2013). Como foco analítico, a proposta equivale a discutir sobre a tessitura da resistência da mulher negra e de sua luta pelo não silenciamento frente ao preconceito instaurado pela cor da pele, pelas diferenças sociais e pela imposição da invisibilidade arraigada no discurso da sociedade, da história e da literatura configurando também a valorização e a exaltação do ser negro. Como pressupostos analíticos e teóricos, elegem-se textos como *Poesia e Resistência*, de Alfredo Bosi, *Identidade e Diferença*, de Tomaz Tadeu da Silva e *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, de Stuart Hall, bem como a crítica Eduardo de Assis Duarte, Zilá Bernd e Benedita Gouveia Damasceno sobre literatura negra e literatura afro-brasileira. Os textos em análise incidirão em uma leitura intertextual em poetas que não deixam de dialogar com a tradição da moderna poesia brasileira, em especial, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade e outros.

Palavras-chave: Mulher. Negritude. Identidade. Diferença. Resistência. Vozes.

Esta comunicação tem como premissa crucial explicitar as poéticas periféricas no âmbito da linha da identidade, resistência e representação cultural. E para iniciar a discussão crítico-teórica, convoca-se o crítico Alfredo Bosi em sua *Dialética da Colonização*, o qual permite ao leitor pensar que as culturas são plurais assim como a identidade movente como assevera Stuart Hall (2006). Alfredo Bosi assevera que *a tradição*

da nossa antropologia cultural já via uma divisão do Brasil em culturas atribuindo-lhes um critério racial: *cultura indígena, cultura negra, cultura branca, culturas mestiças*, ou melhor, *cultura brasileira e culturas brasileiras*, ou ainda mesmo como culturas não europeias (as indígenas, negras etc.) e culturas europeias.

Nesta perspectiva, pode-se pensar a construção da identidade cultural na imagística dos textos negros ou afro-brasileiros. Para análise deste trabalho, concentra-se na dialética da representação do ser negro e de sua valorização durante muito tempo negada a uma tradição de cultura de branqueamento. A mulher negra celebrada nas poéticas negras contemporâneas abre um leque temático de leituras. Sob esse prisma, ganha voz para denunciar as mazelas sociais da diferença acentuada pela cor da pele, pelo lugar que o negro ocupa na sociedade. Percebe-se uma formulação de um discurso lírico que agrega elementos culturais e estabelece a diferenciação entre *o eu e o outro*, isto é, a identidade e a alteridade e, sobretudo, as identidades em construção, de acordo com o que constatamos na obra *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*, de Stuart Hall (2013).

Teoricamente, as identidades “são construídas e formadas relativamente a outras identidades relativamente ao forasteiro ou ao outro, relativamente ao que não é. Esta construção aparece mais comumente a oposições binárias” (p. 50). E, conforme Tomaz Tadeu da Silva (2000), autores que criticam a oposição de binarismos argumentam, entretanto, que “[...] um dos elementos da dicotomia é sempre mais valorizado ou mais forte que o outro”. O que se nota na literatura do cânone brasileiro é uma supervalorização do branco em detrimento do negro. Este quando evocado, em várias obras, ou é visto como escravo, como serviçal ou, no caso da mulher negra, aquela que se nota pela beleza do corpo e do prazer instaurando outros problemas: a violência e a condição da mulher em desigualdade.

A respeito de identidade compartilhada, partimos de uma frase de Zygmund Bauman: “*a identidade não se herda, cria a sua*”. Para Zygmund Bauman o processo de adequação da identidade não pode separar ou dividir na mesma medida em que se identifica e une, ou seja, se trata de uma identidade compartilhada. É este ato de compartilhar a identidade que remete a outro conceito: *o de nacionalidade*. Ressalta-se que a obra *Identidade* de Zygmund Bauman, aqui só é referenciada se pensarmos na construção da identidade negra como

afrodescendência ou como um construto de miscigenação e ancestralidade, porém não se trata de hibridismo como propõe Zygmund Bauman.

Neste viés, a identidade, por sua vez, pode ser compreendida como um conjunto de representações e características culturais de um povo, as quais permitem reconhecer um e outro ao diferenciá-lo dos demais. Em outras palavras, não importam as diferenças em termos de classe, gênero ou raça, mas sim a cultura nacional que unifica as pessoas dentro de uma identidade plural na diversidade²⁰⁸ como bem asseverou Alfredo Bosi ao utilizar o termo *culturas brasileiras* no plural. Diante disso, prefere-se muito mais utilizar literatura afro-brasileira que literatura negra em virtude de não excluir ao incluir. Literatura é literatura e não se avalia a qualidade de um texto literário pelo discurso de branco ou negro. Literatura é arte e ponto final. Contudo, o termo literatura negra surge por uma longa discussão de silenciamento de vozes que não foram valorizadas pela crítica hegemônica brasileira e não cabe aqui realizar toda a trajetória dos escritores negros no Brasil e sim voltar o olhar para o texto literário e suas feições artísticas que entram para uma literatura de resistência e combate ao preconceito e ao racismo, sobretudo no que tange à representação da mulher tanto no olhar do eu-lírico masculino como no eu-lírico feminino.

Efetivamente, a identidade é questionada a partir da existência de diversas culturas e da ancestralidade e a cor da pele muito ressaltada na poesia negra não simboliza necessariamente o constructo das diferenças de relações que vão além da cor da pele, pois o sujeito pode viver na indecidibilidade de sua raça, cor ou etnia. Kathryn Woodward (2002), ao introduzir o seu capítulo "Identidade e Diferença: Uma Discussão Teórica e Conceitual" assevera que "os homens tendem a posições-de-sujeito para as mulheres tomando a si próprios como ponto de referência, sendo assim, as mulheres são as significantes de uma identidade masculina partilhada. Logo, a identidade é marcada pela diferença das relações, mas "parece que algumas diferenças – neste caso entre grupos sociais e étnicos – são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares" (p. 10-11), em muitos ca-

²⁰⁸ Utilizamos o conceito de diferença cultural e não o de diversidade cultural, que conforme Bhabha há diferença. Para ele, a diversidade cultural contempla um universo de coisas, ao passo que "a diferença cultural representa mais adequadamente como enunciados são criados para promover a legitimação de determinadas culturas em relação a outras". (MADALENA, 2017, p. 2)

sos, a diferença entre negros e brancos não só na valorização de uma literatura como também nos lugares sociais ocupados por negros e brancos. Em poemas escritos por mulheres negras percebem-se que a mulher negra ou é a margarida que varre o asfalto ou é a negra fulô das curvas eróticas e belas que deita com o feitor na condição de escrava sexual.

Diante disso, não basta discutir a identidade negra exaltando a afrodescendência ou se assumindo como negro em uma sociedade desigual. Não basta dizer que a identidade negra deve ser pensada, pela mistura cultural e não pela linha de diferença acentuada pela cor da pele. Essas diferenças “só fazem sentido se compreendidas uma em relação à outra”, isto é, “a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Sendo ambas inseparáveis” (WOODWARD, 2002, *apud* SILVA, 2002). Cumpre assim examinar como a literatura negra ganha corpo e voz no limiar de uma lírica individual e coletiva, que surge como vozes silenciadas e que não podem mais se calar diante do machismo, do preconceito, da desigualdade social, da valorização do outro pela cor da pele. A literatura negra, neste sentido, avança para um rio em chamas, um rio de lágrimas e dores longe de uma romantização da arte. Literatura é antes de tudo uma arma de combate como enfatiza Alfredo Bosi: ‘literatura é resistência e combate ao racismo’.

No tocante a uma literatura de luta contra o racismo, combate à desigualdade social, pode-se afirmar que se assiste, a rigor, a uma literatura no limiar de protestos. Sobre isso, Zilá Bernd (1998) aponta que:

Ingressados para o curso de História, *esses negros* [da literatura] têm neste estudo as suas vozes audíveis, na reivindicação e protesto da sua poesia contra os sistemas hegemônicos e majoritários (...) do seu discurso consciente, uma *história* que se quer também *universal*... (BERND, 1998, p. 11)

Frente a essas discussões, cumpre discorrer sobre literatura negra e literatura afro-brasileira. Conforme o professor e crítico Eduardo de Assis Duarte (2016), considera-se como *literatura negra* o conjunto de obras publicadas por escritores negros, ao passo que a literatura afro-brasileira pode ser compreendida a partir de um falar sobre o negro. Já para Zilá Bernd (1998) em *Introdução à Literatura Negra*, pode-se asseverar que a literatura negra se instaura quando se tem um *Eu-enunciador* que se quer negro. Benedita Gouveia Damasceno (2003), em sua obra *Poesia Negra no Modernismo Brasileiro*, ressalta que a cor da pele não pode ser o requisito para conceituar uma literatura como negra. E para resolver esta questão ainda *em devir*, elegem-se os textos de autoria de escritores negros como literatura periférica contemporânea que se tem

como literatura brasileira das minorias. O que denotaria outro problema e abre espaço para questionamentos, tais como: 1) *Literatura de minoria seria uma literatura aquém do valor literário?* 2) *Em que consiste então o conceito de literatura menor?*

A *literatura menor*, termo emprestado de Deleuze e Guatarri, se refere a uma literatura negra que vai se construindo em condições revolucionárias e nada tem de pejorativo e, por excelência, se refere à literatura marginal. A literatura menor tem como premissa fulcral situar-se no nível do discurso e não da forma. Ela “trafega na contracorrente” (BERND, 1998, p. 43). Em outras palavras, a literatura negra é aquela situada à margem do cânone e se trata das vozes de minoria, das vozes que faltavam para dizer o não-dito. Abrem espaços na academia para denunciar o racismo, para combater o autorracismo, as desigualdades sociais e as injúrias provocadas contra negros por meio do verso e da prosa.

Sob esse prisma de *literatura menor*, literatura de resistência, pode-se pensar em outro texto primordial. Trata-se do capítulo “A literatura e os excluídos”, do crítico Alfredo Bosi (2002), na obra *Literatura e resistência*. Por excelência, há duas formas de considerar a relação entre a escrita e os excluídos. A primeira praticada pelos historiadores de literatura e que se refere ao ato de ver o excluído e marginalizado como objeto da escrita: personagens, temas, etc. e é preciso amenizar os modos de figuração das camadas mais pobres na poesia, na prosa narrativa e no repertório da literatura. (BOSI, 2010, p. 257)

A literatura negra pode ser explicada a partir de um depoimento do estudioso Ironides Rodrigues concedido a Luiza Lobo. Para ele, literatura negra constitui-se como aquela produzida “por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça *dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo*. Ele tem que se assumir como negro. (Apud LOBO, 2007, p. 266, grifos nossos)

A poesia de Ironides Rodrigues Cuti está dentro desta categorização explicada por Ironides Rodrigues Cuti, um dos membros fundadores do grupo *Quilombhoje Literatura* permite uma leitura crítica da cultura negra no que tange ao resgate da memória do movimento negro. Não obstante, ressalta-se que sua produção carrega traços de um lirismo de exaltação e do orgulho de ser e existir como negro. É neste contexto de valorização e aceitação da cor da pele que a poesia ganha voz de proclamação da memória lírica e coletiva. Publicado em 1978, a obra *Poemas*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

da *carapinha* retrata a valorização de ser negro e da intitulação da identidade negra que não pode ser negada a partir da cor ou do branqueamento ou da negação de pertencer ou ser afrodescendente:

SOU NEGRO

Sou negro
Negro sou sem mas ou reticências
Negro e pronto!
Negro pronto contra o preconceito branco
O relacionamento manco
Negro no ódio com que retranco
Negro no meu riso branco
Negro no meu pranto
Negro e pronto!
Beijo
Pixaim
Abas largas meu nariz
Tudo isso sim
Negro e pronto!
Batuca em mim
Meu rosto
Belo novo contra o velho belo imposto
E não me prego em seu preto
Negro e pronto
Contra tudo que costuma me pintar de sujo
Ou que tenta me pintar de branco
Sim
Negro dentro e fora
Ritmo – sangue sem regra feita
Grito- negro – força
Contra grades contra forças
Negro pronto
Negro e pronto.

(CUTI, 1978, p. 145)

Como se pode perceber, o eu-enunciador que reina no limiar da voz poética não nega jamais a sua cor e seus traços de negritude, o que denota a valorização de sua ancestralidade ao dizer que é negro de pixaim, beijos largos, negro dentro e fora.

Na *poesia de Oliveira Silveira há a recifração da imagem da negra Fulô* na tradição do modernismo de Jorge de Lima. Em outra vertente, Silveira apresenta ao leitor contemporâneo:

OUTRA NEGA FULÔ

O sinhô foi açoitar
a outra nega Fulô
- ou será que era a mesma?
A nega tirou a saia
A blusa e se pelou,
O sinhô ficou tarado,
Largou o relho e se engraçou.
A nega em vez de deitar
Pegou um pau e sampou
Nas guampas do sinhô.
- Essa nega Fulô!
Esta nossa Fulô!
Dizia intimamente satisfeito
O velho pai João
Pra escândalo do bom Jorge de Lima,
Seminegro e cristão.
E a mãe-preta chegou bem cretina
Fingindo uma dor no coração.
_ Fulô! Fulô! Fulô!
A sinhá burra e besta perguntou
Onde é que tava o sinhô
Que o diabo lhe mandou.
_ Ah, foi você que matou!
Disse bem longe a Fulô
pro seu nego, que levou
ela pro mato, e com ele
aí sim ela deitou.
Essa nega Fulô!
Esta nossa Fulô!

(OLIVEIRA SILVEIRA, 1998, p. 133).

As vozes poéticas cujo *Eu-enunciador* se declara feminino tanto pelo discurso quanto pela própria autoria difere da voz enunciativa masculina. Há no caso das mulheres negras uma luta constante para combater muitos estereótipos, tais como: da mulher negra como símbolo sexual e por muito tempo objeto, a mulher negra como empregada doméstica, cuja única condição dada é a de trabalho para engomar, passar, cozinhar, entre outras indesejadas imposições. O poema de Ironides Rodrigues Cuti explicita uma denúncia sobre a condição da mulher objeto sexual que intertextualiza com o poema *Negra Fulô*, de Jorge de Lima do modernismo brasileiro. A diferença do dizer sobre a mulher negra no poema de Lima está na enunciação. Enquanto Jorge de Lima o poeta diz “essa negra Fulô quem roubou”, o poema de Ironides Rodrigues Cuti se refere a outra nega Fulô, ou seja, em ambos os poemas há um poetizar que coloca a negra distante do eu que demarcaria a identidade. Muito mais que isso.

A poesia não faz rodeios para explicitar a mulher como objeto de desejo e posse:

...seu nego, que levou
ela pro mato, e com ele
aí sim ela deitou.
Essa nega Fulô!
Esta *nossa Fulô!*

Em sua obra *Guardados da Memória* e outras obras, a autora Ana Cruz (2008) inscreve-se como uma escritora que provoca o amor pela cultura e costumes africanos em linguagem simples, mas não simplória. A memória individual e coletiva banha sua poesia, pois a identidade e as escritas de si se mesclam à memória do povo africano e da identidade que nos define em corpo, voz e alma. Em sua lírica também não se pode negar a resistência e a luta pela igualdade e a recusa da condição da mulher negra instaurada pela desigualdade social. Leia-se “Retinta”:

Mãe preta, bonita, sorriso largo, completo
Nem parece que passou por tantas.
Deu um duro danado entre a roça e os bordados.
Virou ao avesso para não desbotar.
Dizia, não com soberba: não esfrego chão dessas Senhoras.
Essa gente coloniza... (CRUZ, 2008, p. 184).

Pode-se elucidar que a *poesia de Ana Cruz descortina a memória de um passado de exploração do trabalho negro escravo*, mas também de resistência. A mulher não aceita ser colonizada e passar pela mão de obra barata e esfregar o chão, engomar as roupas da mulher branca como ocorre no poema “Nega Fulô” citado alhures. Os versos de Ana Cruz caminham na contramão. Ela apodera-se da voz de todas as mulheres negras que deveriam ter o mesmo patamar de orgulho de ser e existir. E assim encerra o poema com uma subjetividade ultrajante: “*Se a pessoa não tiver orgulho de ser assim Zulu/fica domesticada. Sem opinião. Se auto-deprecia, adoece*”. (CRUZ, 2008, p. 194, grifos nossos)

Outra voz no limiar da *identidade e da memória se refere à escritora negra Jussara Santos*. A autora integra um dos primeiros grupos de poesia contemporânea que traçam um lirismo discursivo-poético sobre a memória da etnicidade negra assim como o poeta Edmilson Pereira. Jussara Santos canta a ancestralidade negra e denuncia o preconceito e o racismo ainda existente na sociedade. Aliás, Jussara Santos, por meio do recurso da recifração da imagem intertextual, produz um lirismo discordante de A procura da poesia, de Drummond em seus versos “Ao pé do ouvido”, na obra *Minas de mim* (2005):

Se pudesse silenciar-me
frente a acontecimentos
silenciaria
mas todos os dias melancolicamente aconteço.
[...] mas todos os dias absurdamente amanheço.
Digo não à cidade,
Mas todos os dias revelo-me equívoco
Diante de seus ecos.
“... não tires poesia das coisas
elide sujeito e objeto...”
grita Drummond,
mas todos os dias dramatizo,
Invoco
indago
aborreço,
e minto
minto muito
ouvinte no reino silencioso da palavra
que não quer Surda.

(SANTOS, 2005, p. 188)

Enquanto a poesia de Drummond instaura a metalinguagem da busca pela poesia, os versos de Jussara Santos invocam, dramatizam e aborrecem uma encenação diante do silêncio surdo como na palavra drummondiana. A voz lírica quer ser ouvida, dramatizada, invocada diante das desigualdades sociais, pois todos os dias amanhecem o racismo, todos os dias o preconceito grita e a poesia nasce assim para *dizer o não dito, dizer o inaudível* como propõe Octavio Paz em *O Arco e a Lira*, assim se traduz a poética de Jussara Santos.

Em se tratando da escritora negra Esmeralda Ribeiro evidencia também essa tônica da permanência do racismo e opressão na sociedade brasileira. A diferença entre ela e outras autoras é que há um viés de pessimismo. Em vários textos líricos da autora o leitor poderá conferir uma forte luta pela inclusão da mulher, sobretudo presencia-se uma busca pela identidade feminina e negra. Em seu ponto de vista, para escrever a literatura negra, o autor deve antes de tudo ser negro elevando a afirmação da identidade e memória individual e coletiva e por muitas vezes se questiona a alteridade dentro da própria existência:

Quem em sã rebeldia
tira a máscara esculpida na
ilusão de ser outro
e não ser ninguém...

(RIBEIRO, 2002, 180).

A poética de Esmeralda Ribeiro, conforme se nota, demonstra que o sujeito lírico usa máscaras da ficção e da autobiografia para professar uma identidade na alteridade, ou seja, ocorre que o eu-lírico canta o poema a partir do discurso sobre o outro que se iguala ao não ser nada. Esse pessimismo aparece, muitas vezes, em questionamento que joga com as palavras nos versos, a saber: “Se a margarida flor é branca de fato qual a cor da Margarida que varre o asfalto?” (RIBEIRO, 1998, p. 181)

À guisa de conclusão, pode-se dizer que as obras examinadas teoricamente permitem discutir sobre identidade e memória pelo viés da tessitura de combate ao racismo e ao preconceito. Vê-se que a mulher negra e sua luta pelo não silenciamento frente ao preconceito instaurado pela cor da pele, pelas diferenças sociais e pela imposição da invisibilidade arraigada no discurso da sociedade, da história e da literatura ressurgem como vozes gritantes e vozes moventes. Não há somente uma preocupação em cantar versos de uma escravidão passada, mas uma escravidão ainda no presente, de um racismo disfarçado pelo discurso, de uma desigualdade estampada na cor da pele e no tocante ao lugar que o negro ocupa na sociedade. Seria como uma senzala camuflada, pois o negro ainda é o suspeito na hora de um roubo, a mulher negra ainda é diferenciada pelo corpo esbelto. Por trás de tudo isso, aparece ainda a figura da mulher objeto. E em vários poemas a mulher é diferenciada da mulher branca quando “engoma e lava” a roupa dos grandes senhores, não mais nas senzalas, mas exploradas como empregadas domésticas, como negras do prazer sexual. A poesia nasce como resistência. A poesia negra é a voz periférica e marginal que faltava na literatura brasileira, a qual aparece agora para denunciar uma sociedade hipócrita que insiste em defender que existe o princípio da isonomia no Brasil, pois ser negro infelizmente ainda é motivo de diferença da cor da pele e exclusão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmund. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERND, Zilá. *Racismo e antirracismo*. São Paulo: Moderna, 1994.

_____. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Age, 1987.

_____. *Introdução à literatura negra*. Porto Alegre: Age, 1987.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. (Org.). *Antologia da poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2011.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: _____. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p. 308-345.

DAMASCENO, Benedita Gouveia. 2. ed. *Poesia negra no modernismo brasileiro*. São Paulo: Pontes, 2003.

DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011, 2016.

_____. *Literatura e resistência*. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 2002.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.